Anais de Resumos Expandidos
VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

A memória em 15 segundos: o TikTok e a reconfiguração do passado cultural[1]

Memory in 15 seconds: TikTok and the reconfiguration of the cultural past

Julie Gabriel Machado
Thábata Secchin Siqueira

Palavras-chave: midiatização; memória; plataformização; TikTok.

1. Introdução

Atualmente observamos uma mudança nas dinâmicas sociais e culturais no mundo. A internet sofreu um fenômeno que pesquisadores denominaram como plataformização (Poell *et al*., 2020). As redes sociais, antes vistas apenas como ferramentas de comunicação, agora operam como verdadeiras estruturas de mediação social (Bolaño *et al.*, 2022), com impacto direto na forma como produzimos, circulamos informações e até nos recordamos delas.

A internet também foi um fator que embaçou os limites entre a mediação e a midiatização. Braga (2012) demonstra a interseção entre os dois termos ao aproximar o conceito de "mediações comunicativas da cultura", proposta por Barbero, onde reconhece

[1] Trabalho apresentado ao VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais. POSCOM-UFBA. Salvador, Bahia. POSCOM-UFSM. Santa Maria, RS. ECA-USP. São Paulo/SP.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

o protagonismo do processo comunicativo dentro do contexto social ao da midiatização. Já Hjarvard conceitua o termo como

> [...] processos por meio dos quais cultura e sociedade tornam-se cada vez mais dependentes das mídias e seus modus operandi, ou lógica da mídia. Tais processos mostram uma dualidade, na qual os vários formatos de mídia tornam-se integrados às práticas cotidianas de outras instituições sociais e esferas culturais, e ao mesmo tempo adquirem o status de uma instituição semi-independente em si mesmos. (Hjarvard, 2015, p. 53)

Isto é, de acordo com a definição do autor é notório que há mais que um protagonismo entre a relação dos processos comunicativos pela mídia no cotidiano. Essa presença da mídia digital e, consequentemente, das plataformas cria, de acordo com Sodré (2009), uma nova maneira de organização enquanto sociedade. Através dela, como pontua o autor, é formado um "novo bios" com uma cultura própria que redefine a noção de tempo, espaço, relações interpessoais e o espaço público.

Dessa forma, as mediações sociais da mídia e a midiatização reconfiguram também a memória, já que, como Barbosa (2007) nos apresenta, a memória não pode ser compreendida como algo estático, mas como uma presentificação do passado, um processo em que a reconstrução de uma narrativa só faz sentido quando entende e supre as necessidades dos suportes tecnológicos da contemporaneidade. Porém, como também nos apresenta a autora, lembrar é um ato seletivo, que torna o esquecimento um fator fundamental. Nesse contexto, a seleção do que é lembrado e esquecido seria feito pela lógica dos dados e medida pelas métricas de lucro.

O TikTok, uma rede social de vídeos curtos, entra nesse cenário como espelho dessa tensão. Seu funcionamento e a preferência algorítmica pelos conteúdos passíveis de serem replicados fazem com que a plataforma se torne o auge da aceleração da sociedade. Tal aceleração, onde a efemeridade se torna cada vez mais veloz, também pode ser refletida ao tempo histórico: atualmente os avanços tecnológicos são facilmente assimilados e integrados a uma nova constituição do cotidiano.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

O aspecto social e replicável das redes sociais são os responsáveis pela rápida adesão de linguagem e tecnologia. Esta aceleração do tempo histórico é vista por Verón (2014) como uma consequência da midiatização. Portanto, a lógica viral do TikTok segue os moldes da midiatização onde a repetição se torna um dispositivo de mudanças, inclusive da memória.

Diante desse cenário, o trabalho busca entender como o TikTok, através de sua lógica algorítmica, reconfigura a memória musical e a construção de sentido, estabelecendo novos aparelhos de hegemonia na cultura digital e reconfigurando a forma como o passado é lembrado, arquivado e reencenado.

2. Metodologia

Utilizando como objeto a *trend* (tendência) de reuso musical, iremos analisar como a lógica de circulação nessa plataforma produz novas formas de memória musical - marcadas pela efemeridade e pela mediação algorítmica -, influenciando o consumo e a reencenação do passado cultural, e atuando como um aparelho de hegemonia.

Para essa análise, a abordagem utilizada será qualitativa e exploratória, que a partir da revisão bibliográfica sobre os conceitos de plataformização, hegemonia, soberania audiovisual e memória, seguirá para uma observação sistemática das dinâmicas de circulação desses vídeos no TikTok. Nesse método, iremos decompor o objeto em categorias analíticas recorrentes, guiadas por um recorte específico: a relevância, que, segundo resultados na própria barra de pesquisa do aplicativo, se dá pelo engajamento dos vídeos.

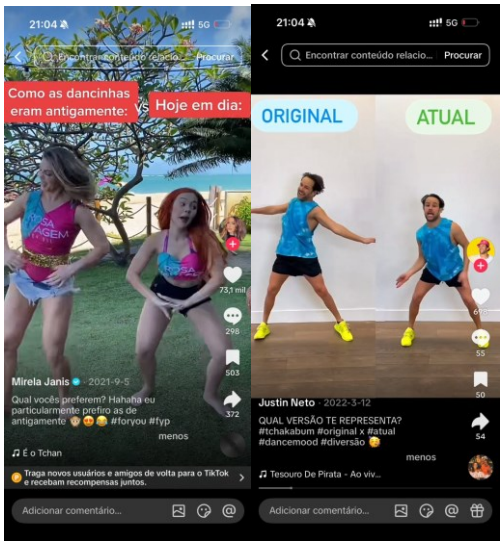
Por conta do alto volume de vídeos da plataforma, ainda que nos dediquemos a assistir diversos conteúdos, nos limitaremos a trazer um exemplo de cada busca que for feita - que se resumem a dois conjuntos de palavras-chave: “antigamente x atual é o tchan” e “antigamente x atual tchakabum”, bandas responsáveis por músicas com coreografias

conhecidas em sua época. Após isso, a análise de cada caso seguirá a espacialidade corporal (o corpo na vertical) e a dialética do engajamento (a submissão da memória aos padrões algorítmicos).

3. Resultados

Na busca feita, nos deparamos com os vídeos da Mirela Janis, que conta com a participação da Sheila Mello (ex-dançarina), em que performam a coreografia: a Sheila com a coreografia original e a Mirela com passos frequentemente utilizados nos vídeos da plataforma; e o do Justin Neto (professor de dança), com ele interpretando ambos os papéis.

Figura 1: Coreografias comparando versão antiga e atual



Fonte: captura de tela dos usuários @mirelajanis e @justneto, no TikTok (2026)

O primeiro ponto é que a soberania audiovisual da plataforma, como trazido por Aires (2024), dita suas regras. Neste caso, para circular é necessário que o vídeo seja curto e, com isso, se perde o contexto musical original. Barbosa (2007) explica esse fenômeno,

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

como já mencionamos, como o achatamento da espessura do tempo: o presente rouba do passado apenas o necessário para extrair os dados relevantes, que aqui é o fragmento mais reconhecível da música.

Outro contraste que se pode destacar é o que nos revela a memória corporal também modificada pelo formato do aplicativo. Em seu original, a coreografia ocupava todo o espaço que podia com movimentos de pernas, braços, cabeça e tronco em um corpo de baile que partia de, no mínimo, três pessoas. Já no TikTok, os movimentos são limitados pela verticalidade da gravação, muitas vezes feita pela própria pessoa. Procurando sempre caber dentro do quadro e ser eficiente para a viralização, as coreografias são pensadas de forma frontal, com movimentos focados nos braços e troncos.

A ideia é sempre caber no formato 16:9 da tela. A "obrigatoriedade" de respeitar a proporção também reflete à individualização do conteúdo. Ao seguir esta diretiva não há espaço para duas pessoas se movimentarem, principalmente dançar, e se manter enquadrado. A memória do Pagodão muda e a reencenação proposta por Barbosa (2007) se limita a uma adaptação de regras impostas pela plataforma.

São os elementos textuais que demonstram como a memória musical é substância usada como ferramenta em busca de vinculação social e afetiva (Bastos, 2022), retornando em número de interações e visualizações, já que em ambas as legendas, os usuários instigam o receptor a responder qual versão preferem, utilizando a nostalgia como um meio para o fim de engajar. A suposta concorrência entre o antigo e o atual faz com que se chegue a uma conclusão: a memória, aqui, passa a ser um fluxo efêmero.

O usuário aceita performar esse passado reinventado porque sabe que isso gera visibilidade. Esse engajamento, como afirma Bastos (2022), é o que sustenta a hegemonia da plataforma. Novamente a plataforma TikTok se torna um reflexo da midiatização proposto por Hjarvard quando a definiu marcada por um "individualismo brando dependente de laços sociais fracos" (Hjarvard, 2014, p.218).

Em resumo, o Tiktok não está apagando a memória, pelo contrário. Ele está reeditando ela sob a lógica do mercado. Porém, dessa maneira a nossa relação com a história da música brasileira vai sendo modificada e se tornando refém do recorte e do *looping.*

4. Considerações Finais

As reflexões aqui feitas, nos levam a observar que o TikTok, enquanto plataforma, não atua apenas como um repositório, mas como um dispositivo mediador que transforma a forma como lembramos de algo. Ao retomarmos o problema central do texto, conseguimos compreender que a lógica algorítmica que opera no aplicativo constrói essa nova dinâmica da memória em que o passado se torna apenas mais um ativo de engajamento.

Como demonstrado na análise da *trend,* a memória resgata o passado no presente, como uma presentificação (Barbosa, 2007), de forma puramente funcional: caber na mecânica do fluxo de dados e busca pelo lucro. Através da análise fica ainda mais evidente que essa popularização, muita vezes repentina, de clássicos do Pagodão, tem como pano de fundo a extração de valor, sendo o insumo necessário para que o usuário opere para a conquista dos interesses da plataforma, que é a alimentação constante do algoritmo.

Os conteúdos dos vídeos publicados na *trend* também revelaram a materialização dessa soberania audiovisual. A mudança do formato para a tela 9:16 demonstra como a hegemonia algorítmica (Bastos, 2022) molda até mesmo o gesto. Ao contarem com um enquadramento tão limitado e frontalizado, os usuários mergulham em uma dialética do engajamento na qual a música é submetida a um consenso estético.

Com isso, lembrar se torna um ato de conformidade. Resgata-se o que é viralizável, enquanto o contexto, a história e a complexidade rítmica e coreográfica

original são aos poucos sendo deixadas de lado, condenadas a um esquecimento programado.

Se a memória, como ensina Barbosa (2007), é a base da nossa identidade, deixá-la nas mãos e sob o controle das lógicas de dados das plataformas representa um risco de empobrecimento cultural. O "passado em *looping*" oferece uma ilusão de resgate da memória, mas sua natureza é a efemeridade, com ela se tornando cenário de fundo para o próximo ciclo de engajamento.

Referências

AIRES, Janaine Sibelle Freires. Computadores fazem arte, artistas não fazem dinheiro: plataformização, inteligência artificial e a soberania audiovisual nos casos da Netflix e da Globo no Brasil. **Liinc em revista**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, 2024.

BARBOSA, Marialva. **Percursos do olhar: comunicação, narrativa e memória**. Niterói: EdUFF, 2007.

BASTOS, Pablo Nabarrete. Hegemonia e engajamento em contexto de midiatização e plataformização. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p. e6066, 2022.

BOLAÑO, César Ricardo Siqueira; BARRETO, Helena Martins do Rêgo; VALENTE, Jonas Chagas Lúcio. Para a análise teórico-metodológica das plataformas digitais como estruturas de mediação a partir da Economia Política da Comunicação. **Avatares de la comunicación y la cultura**, Buenos Aires, n. 24, p. 1-20, dez. 2022..

BRAGA, José L. Circuitos versus campos sociais. In: MATTOS, Maria Ângela; JANOTTI JUNIOR, Jeder; JACKS, Nilda (org). **Mediação e Midiatização**. Salvador: EDUFBA / Compós, 2012.

HJARVARD, Stig. **A midiatização da cultura e da sociedade**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2014.

HJARVARD, S. Da Mediação à Midiatização: a institucionalização das novas mídias. **Parágrafo**, v. 2, n. 3, jul./dez, 2015, p. 51-62.

JANIS, Mirela. **Qual vocês preferem?**. TikTok: @mirelajanis, 5 set. 2021. 12s. Disponível em: https://www.tiktok.com/@mirelajanis/video/7004474396614069510?lang=pt-BR&q=antigamente%20x%20atual%20%C3%A9%20o%20tchan&t=1770781216304. Acesso em: 11 fev. 2026.

NETO, Justin. **QUAL VERSÃO TE REPRESENTA?.** TikTok: @justneto, 12 mar. 2022. 34s. Disponível em: https://www.tiktok.com/@justneto/video/7074196433955572997?lang=pt-BR&q=antigamente%20x%20atual%20tchakabum&t=1770781305938. Acesso em: 11 fev. 2026.

POELL, Thomas; NIEBORG, David; VAN DIJCK, José. Plataformização. **Revista Fronteiras – estudos midiáticos,** São Leopoldo, v. 22, n. 1, p. 2-10, jan./abr. 2020.

SODRÉ, Muniz. Eticidade, campo comunicacional e midiatização, in: MORAES, Denis. **Sociedade Midiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009

VERÓN, Eliseo. Teoria da midiatização: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. **MATRIZes**, São Paulo, Brasil, v. 8, n. 1, p. 13–19, 2014. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v8i1p13-19.